

**MÚSICA E CLÍTICOS PRONOMINAIS:
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Leandro Sant'Anna da Silva (UFRJ)
afungancho@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta de sequência didática para o tratamento da colocação pronominal a partir do gênero textual música, atendendo às recomendações dos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* de desenvolver os temas gramaticais a partir do texto e de contemplar a variação linguística na sala de aula. Tal proposta foi aplicada para duas turmas de 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Campos dos Goytacazes, com o objetivo de investigar as contribuições da música para o ensino da língua. Os resultados atestam as tendências de uso dos clíticos pronominais no português brasileiro contemporâneo e que a música contribui principalmente para despertar a atenção e o interesse do aluno para a temática tratada em sala de aula.

Palavras-chave: Música. Clíticos pronominais. Língua portuguesa.
Gramática. Variação. Ensino.

1. Introdução

O ensino de língua portuguesa tem sido alvo de discussões desde meados do século passado. Mediante as mudanças ocorridas na sociedade brasileira, tais como a crescente urbanização, a universalização do acesso à escola e a expansão dos meios de comunicação eletrônicos, reconheceu-se a necessidade de melhorar a qualidade do ensino no Brasil.

Os debates sobre a reformulação do ensino brasileiro, possivelmente, culminaram na elaboração dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), os quais surgiram ao final do século XX, representando um modelo inovador de ensino, pois diziam buscar respeitar as diversidades regionais, culturais e políticas em todo o país, além de almejavam a criação de condições de acesso aos conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao aluno para o exercício da cidadania. (BRASIL, 1998)

No tocante à língua portuguesa, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* tinham por finalidade “constituir-se em referência para as discussões curriculares da área (...) e contribuir com técnicos e professores no processo de revisão e elaboração de propostas didáticas” (BRASIL, 1998, p. 13). Para tal, o documento analisa alguns dos principais proble-

mas do ensino da língua portuguesa no Brasil, como a excessiva valorização da gramática normativa, por meio de um ensino descontextualizado e que não considera a realidade nem o interesse do aluno; e defende a ideia de um ensino que desenvolva as habilidades linguísticas do estudante a partir do texto.

Um dos temas gramaticais que mais merece uma atenção especial por parte do professor, no sentido de administrar o que propõem os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, são os pronomes. Há um distanciamento considerável entre a teoria apresentada pela escola, a qual costuma se basear nas sequências oferecidas pelos livros didáticos, e a prática das pessoas no seu dia a dia, principalmente no que se refere à colocação das formas oblíquas átonas.

Atendendo à recomendação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* de tratar dos temas gramaticais através do estudo do texto, contemplando as variedades linguísticas na sala de aula, e com o objetivo de investigar as contribuições da música para o ensino da língua, este trabalho apresenta uma proposta de sequência didática para o tratamento do tema colocação pronominal a partir do gênero textual música. Tal proposta foi aplicada em duas turmas de 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Campos de Goytacazes (RJ).

2. Gêneros textuais e ensino da língua

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* apontam como objetivo do ensino da língua a ampliação da competência comunicativa do aluno, isto é, a sua capacidade de “empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação” (TRAVAGLIA, 2009, p. 17). Nesse sentido, as aulas de português têm de ser desenvolvidas a partir do estudo do texto, mais especificamente dos gêneros textuais. Estes constituem uma grande diversidade e não podem ser todos trabalhados na escola, mas devem ser selecionados “os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada”. (BRASIL, 1998, p. 24)

Podem-se compreender os gêneros textuais como as estruturas com que se compõem os textos orais ou escritos. Essas estruturas são socialmente reconhecidas, pois se mantêm sempre muito parecidas, com características mais comuns, procuram atingir intenções comunicativas semelhantes e ocorrem em situações específicas. Segundo Luiz Antônio Marcuschi,

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Os gêneros textuais, pois, devem ser a base da reflexão gramatical na prática pedagógica. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* afirmam que não faz sentido tratar o conteúdo gramatical desarticulado das práticas de linguagem, com enfoque na metalinguagem, com exercícios de reconhecimento e memorização de terminologias que servem apenas para que aluno passe na prova. Nessa direção, Carlos Franchi (2006, p.100) assevera que a gramática

é mesmo condição de criatividade nos processos comunicativos mais gerais. E isso em dois sentidos: enquanto conjunto de processos e operações pelos quais o homem reflete e reproduz suas experiências no mundo e com os outros, podendo inclusive viajar, por meio deles, a universos inimagináveis possíveis; enquanto sistema aberto a uma multiplicidade de escolhas, que permite não somente ajustar as expressões aos propósitos e intenções significativas do locutor, mas ainda marcar, cada texto, com a marca de um estilo, não menos expressivo por ser estilo.

Desse modo, pode-se entender por práticas de linguagem os textos, orais ou escritos, que se apresentam em variados gêneros, conforme os contextos situacionais de interação em que os indivíduos se encontram. E o ensino de gramática só faz sentido se levar o aluno a refletir e a operar sobre suas práticas de linguagem, fazendo escolhas que atendam às suas intencionalidades no uso da língua.

Nessa perspectiva, não faz mais sentido basear o ensino da língua na norma-padrão, pois esta é "uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialetação, a projetos políticos de uniformização linguística" (FARACO, 2008, p. 73). Em outros termos, a norma-padrão constitui o modelo de uniformização da linguagem, mas praticamente não é utilizada pelos falantes da língua, inclusive os que possuem escolaridade superior completa. Estes, quando em situações que envolvem certo grau maior de monitoramento, praticam a norma culta, ou seja, "a variedade que está na intersecção dos três *continua*²⁴ em seus pontos mais próximos do urbano, do letramento e dos estilos mais monitorados".

²⁴ Carlos Alberto Faraco (2008, p. 44) menciona o modelo proposto por Stella Maris Bortoni-Ricardo que distribui as variedades em três *continua*: o rural-urbano, o de oralidade-letramento e o da monitoração estilística.

(FARACO, 2008, p. 47)

Dessa forma, a proposta é que a escola propicie ao aluno refletir sobre a sua prática linguística a partir do estudo dos gêneros textuais e, para isso, não pode se restringir à norma-padrão da língua, mas deve considerar os variados usos da linguagem, inclusive a variedade da qual o aluno faz uso no seu dia a dia, até mesmo para que ele se sinta inserido no processo de ensino-aprendizagem.

3. Os clíticos pronominais no português brasileiro (PB)

O estudo dos pronomes, geralmente, é iniciado a partir dos pronomes pessoais com a apresentação das formas: *eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas*, os chamados pronomes retos, os quais são associados, na maioria das vezes, à função de sujeito. Num segundo momento, são apresentadas as formas pronominais que desempenham a função de complementos verbais, isto é, os pronomes oblíquos: *me, mim, comigo* para a 1ª pessoa do singular; *te, ti, contigo* para a 2ª pessoa do singular; *o, a, lhe, se, si, consigo* para a 3ª pessoa do singular; *nos, conosco* para a 1ª pessoa do plural; *vos, convosco* para a 2ª pessoa do plural; e *os, as, lhes, se, si, consigo* para a 3ª pessoa do plural.

No entanto, as formas pronominais supracitadas não correspondem ao panorama atual dos usos dos pronomes pessoais no português brasileiro, uma vez que não estão entre elas as formas *você* e *vocês*, geralmente apresentadas no quadro dos pronomes de tratamento, e *a gente*. A respeito dessas formas que ainda não foram elevadas pela tradição gramatical ao *status* de pronomes pessoais, afirma-se que:

Um dos aspectos muito estudado e descrito em diferentes variedades – ou normas – do português brasileiro diz respeito ao sistema dos pronomes pessoais, mesmo porque nele se têm diagnosticado significativas mudanças, frequentemente associadas à “migração” das formas “você/vocês” e “a gente” para o quadro dos pronomes pessoais (...) (MARTINS, VIEIRA & TAVARES, 2014, p. 16)

O uso significativo das formas *você*, *vocês* e *a gente* na fala e na escrita brasileira da contemporaneidade não está relacionado com esta ou aquela variedade linguística, pois tais formas pronominais são frequentes tanto em contextos de comunicação dito cultos quanto populares. A forma *você* concorre com o pronome *tu* e suplantou a forma tradicional de segunda pessoa. Além disso, por levar o verbo para a terceira pessoa, como fazem todos os pronomes de tratamento, o uso do *você* faz com

que os pronomes oblíquos de terceira pessoa (*o, a, lhe, se, si, consigo*) também sejam empregados em referência a segunda pessoa. No tocante aos pronomes plurais, a principal mudança ocorrida no quadro tradicional foi o desaparecimento completo de *vós* e a forte concorrência que o pronome *nós* sofre por parte da forma *a gente*. (NEVES, 2015)

Da mesma forma que os pronomes oblíquos da terceira pessoa do singular passaram a ser usados em referência a segunda pessoa do singular, os pronomes da terceira pessoa do plural também passaram a referir-se a segunda pessoa do plural. Contudo, com o desaparecimento do pronome *vós*, as formas oblíquas *vos* e *convosco* também desapareceram da fala e escrita brasileiras, salvo em contextos muito específicos. Já a expressão *a gente* “comuta com a forma *nós* nos mesmos contextos, o que confirma que os falantes do português brasileiro as entendem como sinônimas”. (NEVES, 2015, p. 27)

As mudanças ocorridas no quadro pronominal do português brasileiro nos últimos tempos, contudo, não se restringem à inserção dos pronomes sujeitos *você, vocês* e *a gente* e suas implicações no uso das formas oblíquas, mas apontam, também, uma notável redução no uso dos clíticos acusativo e dativo, principalmente na modalidade falada da língua, em especial na referência a terceira pessoa. Tal uso se restringe a situações de comunicação que exigem maior grau de formalidade.

Para Gilson Costa Freire, *clítico* é qualquer item lexical que não tem acentuação própria e que se hospeda em outros itens lexicais com acentuação própria, *acusativo* é “o complemento que representa o ser para o qual se dirige a ação intitulada pelo verbo, enquanto o *dativo* é o complemento que representa o ser a que se destina a ação verbal ou em cujo proveito ou prejuízo é realizada” (FREIRE, 2012, p. 91). O autor ainda acrescenta:

Os clíticos acusativo e dativo devem ser apresentados aos alunos como variantes estilísticas, isto é, próprias de eventos de comunicação marcados com o traço de formalidade. Além disso, devem ser mostrados ao lado das demais variantes e certamente a feição atual que os letrados brasileiros lhes têm dado, isto é, sem usos artificiais como ênclises do pronome acusativo a formas verbais terminadas em *-s* e *-z*, mesóclises, entre outros, o que é bem diferente da descrição comumente apresentada em gramáticas normativas, em livros didáticos e em manuais de redação. (FREIRE, 2012, p. 107)

A respeito da colocação pronominal, embora existam “regras” de caráter estrutural com o intuito de reger a posição do pronome átono na oração, em alguns contextos, a colocação do clítico ultrapassa a fronteira

morfossintática e apoia-se na intenção e/ou entoação do locutor, obedece a aspectos fonológicos, por uma questão de eufonia, ou, simplesmente, à preferência do falante, ao seu estilo de fala ou escrita.

Segundo Silvia Rodrigues Vieira:

Colocação, em termos linguísticos superficiais, pode ser definida como a disposição dos elementos na oração ou das orações dentro do período, a qual é regulada por fatores de natureza variada. No que se refere à colocação pronominal, há muito se tem por hipóteses que a possibilidade de o pronome átono figurar em próclise (*me dá um cafezinho*), em ênclise (*dá-me um cafezinho*) ou, ainda, em mesóclise (*dar-me-ia um cafezinho*) é favorecida por fatores não só estruturais, mas também estilísticos e rítmicos. (VIEIRA, 2014, p. 121-122)

É fundamental que o professor tenha consciência da necessidade de compreender todos os aspectos, sejam de natureza linguística ou extralinguística, os quais interferem na ordem da colocação dos clíticos pronominais. Diante do impasse entre o que determina o livro didático, por exemplo, e o que o aluno diz no seu dia a dia, cabe ao professor, conforme recomenda Afrânio Gonçalves Barbosa (2014, p. 42), indagar-se: “O que dizem os falantes?”, “O que diz a tradição gramatical?”, “O que dizem as pesquisas linguísticas?”.

A tradição gramatical recomenda a ênclise como regra geral para a colocação dos pronomes átonos. Embora se tenha a consciência de que as regras de colocação pronominal no português brasileiro são diferentes das do português europeu, as gramáticas brasileiras prescrevem normas que poderiam ser aplicadas tanto no Brasil quanto em Portugal. (VIEIRA, 2014)

A fim de se certificar da ordem em que os falantes colocam o clítico em suas construções, ou seja, de como o fenômeno é concebido nas variedades cultas de uso, o professor pode fazer uma análise dos textos da esfera jornalística. Estes, segundo Gilson Costa Freire (2012), representam a escrita padrão do português brasileiro e começam a revelar a “infiltração” de variantes já implementadas na língua oral.

A respeito das pesquisas sociolinguísticas sobre a colocação pronominal, no estudo de Silvia Rodrigues Vieira (2014), baseado na fala de informantes de diversas faixas etárias e níveis de escolaridade, não se registrou a ocorrência de mesóclise na fala brasileira, mas reafirmou-se a preferência pela próclise, com 89% dos dados, contra 11% da ênclise; já na modalidade escrita, baseado em textos publicados em revistas e jornais, o estudo demonstrou que a variante pré-verbal sobressai-se à variante pós-verbal, embora o número de ocorrências de ênclise tenha sido

bastante significativo, e, também, não houve registro da ocorrência de mesóclise.

O trabalho com pronomes na sala de aula, principalmente no tocante à ordem dos clíticos, requer do professor de língua portuguesa o domínio de todos os conhecimentos envolvidos no tratamento do referido tema. É necessário que o profissional de letras conheça bem as prescrições da norma gramatical, mas também as normas praticadas pelas variedades de uso do português brasileiro, cultas ou populares, prestigiosas ou não. Ademais, é essencial que o professor esteja inteirado das pesquisas sociolinguísticas a respeito do tema, a fim de ampliar a competência sociocomunicativa do aluno, conforme recomendam os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, e não insistir, simplesmente, no ensino de regras que não terão muita utilidade, senão para que o aprendiz compreenda textos dos séculos passados.

4. A música como gênero textual

Este trabalho trata da colocação dos clíticos pronominais em contextos com lexias verbais simples, na perspectiva dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, ou seja, a partir do estudo do texto, mais especificamente do gênero música. No entanto, não se verificou, nos documentos oficiais examinados nem nas contribuições dos teóricos que embasam esta pesquisa, o uso da expressão “gênero textual música”. A respeito dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, encontram-se neles dois quadros (p. 54 e p. 57) denominados, respectivamente, “Gêneros privilegiados para a prática de escuta e leitura de textos” e “Gêneros sugeridos para a prática de produção de textos orais e escritos”, nos quais a *canção* é indicada como um gênero oral literário. Dessa forma, considera-se a expressão “gênero música” sinônima de “gênero canção”.

Para Nelson Barros da Costa, “a canção é um gênero híbrido, de caráter *intersemiótico*, pois é resultado da conjugação de dois tipos de linguagens, a verbal e a musical (ritmo e melodia)” (COSTA, 2010, p. 118). Em outros termos, a música é um gênero que se realiza em dois meios linguísticos, o verbal e o musical, e, por isso, possui uma característica intersemiótica, uma vez que adquire significados a partir da interação desses dois meios. Se criada no meio verbal, *a priori*, apresentando uma gama de significados, posteriormente a canção atinge um caráter musical, com o imbricamento entre letra, ritmo e melodia, adquirindo novos significados. Essa natureza intersemiótica da canção pode ser

compreendida, também, pelas obras em que as lacunas (de sentido) deixadas pelo texto escrito são preenchidas pelas notas/acordes/arranjos musicais.

Embora os *Parâmetros Curriculares Nacionais* enquadrem a canção na categoria dos gêneros orais literários, segundo Nelson Barros da Costa (2010, p. 118), “no âmbito da clássica distinção entre oralidade e escrita, a canção se coloca numa fronteira instável entre essas duas materialidades, apresentando aspectos desta e daquela, em diferentes graus”. Pode-se conceber a canção como gênero oral ao reconhecer que ela é composta (pensemos na parte textual) para ser interpretada, cantada, e isso se dá através da voz, ou seja, realiza-se por meio da oralidade. Por outro lado, a canção tem uma dimensão escrita inquestionável, situada no momento da produção, quando o compositor registra a sua criação, e da distribuição, no encarte do disco ou nas partituras, folhetos e antologias. (COSTA, 2010)

A escolha do gênero música para o desenvolvimento desta pesquisa deve-se ao fato de o mesmo ser constituído por uma letra, a qual está relacionada a uma melodia, a um ritmo e a tantos outros aspectos musicais, os quais poderão interferir nas funções cerebrais do aluno e facilitar a aprendizagem. É por estar relacionada aos processos cognitivos que a música foi incluída novamente no currículo da educação básica, através da Lei 11.769/08, que altera o parágrafo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica:

Estudos e pesquisas mostram que a aprendizagem musical contribui para o desenvolvimento cognitivo, psicomotor, emocional e afetivo e, principalmente, para a construção de valores pessoais e sociais de crianças e jovens. (...) Pelo seu potencial para desenvolver diferentes capacidades mentais, motoras, afetivas, sociais e culturais de crianças, jovens e adultos, a música se configura como veículo privilegiado para se alcançar as finalidades educacionais almejadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (BRASIL, 2008, p. 2)

A respeito da educação musical, Teca Alencar de Brito (2003) defende a sua importância na educação de crianças, pois além de facilitar o processo de aprendizagem, a música favorece o desenvolvimento psicomotor, socioafetivo, cognitivo e linguístico. A musicalização constitui-se num processo de construção do conhecimento e desenvolve a sensibilidade, a criatividade, a memória, a atenção, a concentração, a socialização, a consciência corporal e de movimentação. Já para Violeta Hemsy de Gainza (1988), a música está relacionada à estimulação dos movimen-

tos interno e externo do homem, impulsionando-o à ação, levando-o a múltiplas condutas. A autora afirma que

a participação ativa do sujeito no ato de musicalização não mobiliza apenas os aspectos mentais conscientes que conduzem a uma apreciação objetiva da música, mas também a uma gama ampla e difusa de sentimentos e tendências pessoais. Por esse motivo, a música é para as pessoas, além de objeto sonoro, concreto, específico e autônomo, também aquilo que simboliza, representa ou evoca. (GAINZA, 1988, p. 34)

Nesse sentido, a música é uma forma de representação simbólica do mundo e, por sua diversidade e riqueza, permite ao homem conhecer melhor a si mesmo e ao seu semelhante. Ademais, “é difícil encontrar alguém que não se relacione com a música de um modo ou de outro: escutando, cantando, dançando, em diferentes momentos e por diversas razões”. (BRITO, 2003, p. 31)

Desse modo, se conhecida ou contagiante, a música pode tornar-se um objeto íntimo do aluno, que faz parte do seu dia a dia e alvo da sua simpatia, uma vez que pode ser, também, a sua representação. Além disso, há de se considerar que na composição de uma letra, o autor recorre, muitas vezes, a usos da língua que não caracterizam a sua preferência discursiva, mas que atendem a aspectos necessários à formação estética da melodia. Portanto, devido à influência da música na vida do homem e às peculiaridades na composição de uma letra/melodia, o gênero música pode constituir um ambiente favorável à aprendizagem de diversos conteúdos das variadas áreas do conhecimento – no caso deste trabalho, a colocação dos pronomes átonos.

5. Uma proposta de intervenção

Mediante a proposta dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* de direcionar o ensino da língua portuguesa no sentido de ampliar a competência sociocomunicativa do aluno, considerando o seu conhecimento prévio, valorizando a sua variedade linguística, dando-lhe a possibilidade de escolha diante das diversas situações de interação, foi elaborada e aplicada a seguinte sequência didática para o tratamento do tema colocação pronominal em turmas de 9º ano do ensino fundamental.

5.1. 1º MÓDULO – Diagnóstico da colocação pronominal realizada pelos alunos

Este módulo inicial foi programado para verificar a ordem preferencial dos alunos na colocação das formas pronominais átonas. Por ser "A parábola do filho pródigo", na Bíblia, um texto com bastante ocorrência de clíticos pronominais, o mesmo foi distribuído com lacunas para que os alunos as preenchessem com verbos e pronomes oblíquos átonos.

No entanto, como toda a sequência didática utiliza a música como ferramenta, iniciou-se o módulo com a música "Filho Pródigo", interpretada pela dupla sertaneja Bruno e Marrone, uma vez que tal música tem uma temática semelhante ao texto bíblico. Dessa forma, esgotadas as discussões a respeito da letra da música "Filho Pródigo", os alunos foram levados a estabelecer a intertextualidade com o texto bíblico e, por fim, receberam a atividade baseada na parábola bíblica. Tal atividade foi realizada por um total de 43 alunos.

A partir dessa atividade foi possível verificar a preferência dos alunos pela próclise, a qual teve um percentual geral de 52,56% das colocações. No entanto, o uso da ênclise foi bastante significativo, principalmente em contextos em que o verbo aparece no início da oração, representando 35,64% das colocações pronominais. Já a mesóclise foi empregada por apenas uma aluna, obtendo 0,17% das colocações pronominais. Além disso, houve um percentual de 11,02% para a anulação do clítico, e 0,61% das lacunas ficaram sem resposta. Já nos contextos favorecedores, a próclise foi empregada em 65,12%, a ênclise em 52,22% e a mesóclise em apenas 2,32% desses contextos.

5.2. 2º MÓDULO – Os efeitos dos clíticos pronominais I

Este módulo foi idealizado com o intuito de tratar da tendência do uso dos pronomes oblíquos átonos em textos do domínio religioso, como versões bíblicas arcaicas e as liturgias das cerimônias da Igreja Católica, por exemplo. A escolha da análise dos textos desse domínio deveu-se ao fato de ter o módulo anterior aplicado uma atividade diagnóstica por meio de um texto bíblico, "A parábola do filho pródigo".

A aula foi desenvolvida a partir da música "O Cântico de Maria", do Ministério Adoração e Vida. Em seguida, foi apresentado "O cântico de Maria" contido na Bíblia, na versão Sociedade Bíblica Britânica, a fim

de se comparar a linguagem da música contemporânea com a linguagem bíblica arcaica.

Finalmente, foi retomada "A parábola do filho pródigo" em duas versões bíblicas, uma arcaica (Almeida Corrigida e Revisada) e uma atual (Nova Tradução na Linguagem de Hoje), a fim de comparar a linguagem dos textos, principalmente, no que se refere ao uso dos pronomes oblíquos átonos.

Através deste módulo, os alunos compreenderam a tendência dos textos contemporâneos em utilizar menos clíticos e, de preferência, antepostos ao verbo, ao passo que os textos bíblicos arcaicos e as liturgias das cerimônias católicas tendem a utilizar mais clíticos, preferencialmente pospostos ao verbo.

5.3. 3º MÓDULO – Os efeitos dos clíticos pronominais II

Este módulo trabalhou o uso dos fenômenos gramaticais em consonância com a intencionalidade semântica, ou seja, apresentou um contexto em que a gramática foi utilizada conforme o sentido que se pretendeu atribuir ao texto. Para isso fora escolhida a música "Cálice", de Gilberto Gil e Chico Buarque, exatamente pelo uso da palavra "*Cálice*" no sentido de "cale-se", uma estratégia dos autores para confundir os censores da Ditadura Militar. Ademais, a música "*Cálice*" é recheada de metáforas, as quais permitem variadas inferências e possibilitam interessantes discussões na aula, bem como faz a interdisciplinaridade com a disciplina de história, ao oportunizar um debate sobre a Ditadura Militar no Brasil.

Para orientar o debate a respeito de "*Cálice*", distribuiu-se junto com a letra da música a seguinte atividade:

ATIVIDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA

A música "*Cálice*" passou pelo "crivo" dos censores da Ditadura Militar, que era quem decidia o que poderia ou não ser exibido publicamente, publicado ou divulgado, pois não era permitido enfrentar ou ir contra os ideais do governo militar da época. Dessa forma, "*Cálice*"¹ foi minuciosamente produzida para que pudesse abrir os olhos do povo e protestar não claramente, porém, parecendo uma música calma, serena e sem dizer nada de mais.

1 – Sabendo que essa música foi composta na Semana Santa, a quem e a que momento o verso "Pai, afasta de mim esse cálice" estaria fazendo referência, aparentemente?

2 – Conforme as informações acima, a música "*Cálice*" foi uma espécie

de protesto, porém não transmitindo a sua mensagem de forma clara. Em sua opinião, o que de fato significam os seguintes versos:

- a) “Como beber dessa bebida amarga”
- b) “Essa palavra presa na garganta”
- c) “Esse silêncio todo me atordoa”
- d) “De muito gorda a porca já não anda”
- e) “Vinho tinto de sangue”
- f) “Quero lançar um grito desumano”
- g) “Como é difícil pai abrir a porta”

3 – Como você já sabe, os compositores de “*Cálice*” tiveram de usar algumas estratégias linguísticas para disfarçar a censura da Ditadura Militar. Com relação à palavra *cálice*, qual foi a estratégia utilizada, ou seja, de que outra forma poderia ser escrita?

4 – Você acha que nos dias de hoje a frase “*De muito gorda a porca já não anda*” serve para representar o governo que não funciona, atua como cabide de emprego para familiares, serve para esconder corrupção e etc.? Justifique a sua resposta.

5 – Na época da Ditadura as pessoas saíram às ruas; homens, mulheres, crianças e idosos todos pelo ideal de se ter um Brasil melhor e menos desigual, onde todos pudessem falar. Por que, hoje em dia, poucas são as pessoas que protestam e reclamam? Será que tudo está bom? A vida das pessoas está realmente melhor?

As discussões a respeito da letra de “*Cálice*” foram além das propostas pela atividade supracitada. De fato, os alunos mergulharam no texto e não apresentaram dificuldade para inferir as metáforas presentes na composição de Chico Buarque e Gilberto Gil, contudo, com relação à terceira questão, a qual constitui o objetivo principal do módulo, nenhum aluno conseguiu chegar à resposta esperada sozinho, ou seja, foi necessário um encaminhamento durante a discussão da questão para que os alunos alcançassem a intencionalidade do uso de “*cálice*” no sentido de “*cale-se*”.

5.4. 4º MÓDULO – As regras de colocação pronominal

Após a familiarização do aluno com os clíticos pronominais, neste módulo foram explicitadas as regras que regem a colocação dos pronomes oblíquos átonos em variados contextos de usos do português brasileiro. De certo modo, mesmo não sendo o foco da pesquisa, foram inclu-

Em alguns princípios da tradição gramatical, uma vez que tais preceitos protagonizam os livros didáticos e outros manuais de ensino da língua disponíveis aos estudantes de diversos níveis educacionais, contudo, a menção à tradição gramatical foi feita de maneira crítica, de modo que os alunos comparassem as recomendações da tradição gramatical com os usos efetivos da língua, no que se refere à colocação dos pronomes oblíquos átonos.

Este módulo teve como ponto de partida a música *Procliticar*²⁵, cuja letra é de autoria do professor Laert Júnior, um professor de Língua Portuguesa que disponibiliza vídeos explicativos de temas gramaticais no canal *YouTube*.

Procliticar

(Laert Junior)



Fique sabendo que pra colocar
O pronome oblíquo, lugar certo tem
Se é futuro, no meio do verbo
Nos outros tempos, depois dele vem
E se você quiser antecipar
Não sendo início ou se pausa vem
Mas há palavras que, de todo jeito
O pronome oblíquo vai se aproximar, ahhh!
É nessa hora que, sem vacilar,
Você é obrigado a procliticar

O pronome e o advérbio atraem
Preposição com o gerúndio atraí
A subordinativa atraí
E onde houver exclamação

Essa música foi escolhida devido ao fato de ter ela um ritmo alegre (o mesmo de “Esperando na janela”, interpretada por Gilberto Gil), possibilitador de um ambiente de interação em sala de aula, e de sua letra mencionar as principais regras de colocação dos pronomes átonos segundo a tradição gramatical.

Como o objetivo da aula consistia em analisar e confrontar as regras tradicionais com modelos atuais de usos da língua, para ilustrar as

²⁵ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=iwPzrjLHM64> >

regras propostas pela letra de *Procliticar*, além de trechos de textos utilizados nos módulos anteriores, foram apresentados títulos e subtítulos de manchetes de jornais e um ofício. Enquanto o ofício exemplificou um uso mais formal da língua, os textos jornalísticos configuraram modelos atuais de escrita prestigiosa.

Para finalizar o módulo, a fim de tratar do fenômeno da variação linguística, foi aberta uma discussão sobre o poema *Pronominais*, de Oswald de Andrade.

5.5. 5º MÓDULO – Exercícios de fixação

Para que os alunos refletissem a respeito da colocação dos clíticos pronominais, aprofundando os conhecimentos adquiridos nos módulos anteriores, neste módulo foram aplicados exercícios de fixação baseados nas músicas *Devolva-me*, interpretada pela cantora Adriana Calcanhoto, e *Escreve aí*, interpretada pelo cantor Luan Santana. Durante a realização das atividades, foram executadas músicas em volume relativamente baixo, com o intuito de verificar o efeito de tal ação sobre o comportamento e a produtividade dos alunos.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

(Texto I – *Devolva-me*.)

(Texto II – *Escreve aí*.)

1 – No texto I, o que o eu lírico pede para ser devolvido e por que razão?

2 – No texto II, o que o eu lírico quer dizer nos versos: “E eu penso ‘ou partir pra outra logo’/Mas quem é que eu tô tentando enganar?”?

3 – Por se tratar de uma letra de canção, a compreensão na íntegra do texto II requer que escutemos a sua interpretação. Após escutar a música atentando para o refrão – 4ª estrofe – qual é o simples gesto capaz de fazer o eu lírico voltar, bem como é capaz de desmontá-lo inteiro (5ª estrofe)?

4 – Os textos I e II são letras de canção, logo, ambos se tratam de textos poéticos. Sabemos que os textos poéticos apresentam, geralmente, um eu lírico, que pode ser feminino ou masculino. O eu lírico que “fala” nos textos lidos são femininos ou masculinos? Comprove com trechos dos textos.

5 - Os textos lidos representam gêneros musicais distintos, sendo o primeiro pertencente à MPB e o segundo, do universo sertanejo, no entanto, de certo modo, ambos tratam da mesma temática: questões relacionadas ao término de um relacionamento amoroso. Leia os textos, atentando para a lin-

guagem utilizada em cada um deles e responda as seguintes perguntas.

- a) Há alguma diferença entre a linguagem dos textos? Comprove a sua resposta com passagens dos textos.
- b) Com relação a colocação dos pronomes oblíquos átonos, quais as diferenças entre os textos?
- c) Retorne ao texto I, troque as ênclises por próclises e experimente cantá-lo. Considerando a linguagem do texto e a sua experiência de troca da ordem dos pronomes, o que se pode concluir a respeito da colocação pronominal no texto I?
- d) A respeito do texto II, o que justifica o somente uso de próclise?
- e) Das colocações de pronomes átonos do texto II, qual é terminantemente condenada pelas regras gramaticais e não é muito usual, principalmente na modalidade escrita?
- f) O que justifica a colocação pronominal analisada por você na questão anterior?

A respeito das músicas tocadas durante a realização dos exercícios, de fato os alunos demonstraram mais concentração que no módulo em que realizaram atividades sem música de fundo. Porém, houve a necessidade de certo cuidado por parte do professor-pesquisador no sentido de administrar a execução das músicas, uma vez que alguns alunos ficaram agitados, querendo selecionar as músicas para tal execução.

Com relação aos exercícios propostos, os alunos demonstraram mais facilidade nas questões de interpretação textual e certa dificuldade nas questões que tratavam dos aspectos gramaticais. Contudo, com a mediação do professor-pesquisador, os alunos foram alcançando as respostas corretas.

5.6. 6º MÓDULO – Avaliação

A fim de se fazer uma breve avaliação do conjunto de atividades proposto nas aulas anteriores, tanto no sentido de verificar a percepção dos alunos com relação à sequência didática quanto no de avaliar a aprendizagem da colocação pronominal, foi aplicado o seguinte questionário.

QUESTIONÁRIO

1 – A música é uma manifestação artística presente em vários momentos da vida humana e pode, inclusive, ser utilizada como ferramenta de ensino na escola. Em sua opinião, qual ou quais disciplina(s) pode(m) utilizar a música em suas aulas?

- Língua Portuguesa. História. Artes.
 Inglês. Geografia. Educação Física.
 Matemática. Ciências. Não sei.
-

2 – As últimas aulas de língua portuguesa trataram do conteúdo de colocação pronominal e tiveram como ponto de partida uma ou duas músicas. Em sua opinião, a utilização da música nas aulas ajudou você a compreender o conteúdo?

- Sim. Não. Não sei.
-

3 – Suponhamos que, mesmo após algumas aulas sobre colocação pronominal, você ainda tenha algumas dúvidas a respeito desse conteúdo e quisesse pedir ajuda a um colega, que é o melhor aluno da turma. Qual das frases abaixo você usaria para fazer esse pedido de ajuda?

- Tire-me umas dúvidas sobre colocação pronominal?
 Me tira umas dúvidas sobre colocação pronominal?
-

4 – Agora vamos supor que, por alguma razão, seu professor de Língua Portuguesa tenha se afastado da escola e que, após algumas semanas sem aula, você, como representante de turma, resolve enviar uma carta de solicitação para o secretário de educação do município pedindo que seja enviado um novo professor o mais rápido possível. Nessa carta, após os cumprimentos iniciais, qual das frases abaixo você usaria?

- Venho, através desta, solicitar-lhe o envio de outro professor de Língua Portuguesa.
 Venho, através desta, lhe solicitar o envio de outro professor de Língua Portuguesa.
 Venho, através desta, solicitar o envio de outro professor de Língua Portuguesa.
-

5 – Ainda sobre a carta da questão anterior, qual das frases abaixo você

usaria no seu encerramento?

- () Contando com a atenção de Vossa Senhoria, despeço-me renovando expressões de apreço e consideração.
- () Contando com a atenção de Vossa Senhoria, me despeço renovando expressões de apreço e consideração.
- () Contando com a atenção de Vossa Senhoria, despeço renovando expressões de apreço e consideração

6 – Suponhamos ainda que o secretário de educação responda à sua carta de solicitação, prometendo enviar um professor para a sua escola na semana seguinte, e você vai dar a notícia no grupo de WhatsApp da turma. Qual das frases abaixo você usaria?

- () Gente, o secretário comprometeu-se a enviar um professor na próxima semana.
- () Gente, o secretário se comprometeu a enviar um professor na próxima semana.

7 – Com a chegada do novo professor na semana seguinte, a sua turma resolve fazer uma festa de recepção para ele, e você vai informar o diretor sobre a festa. Como que você daria a notícia ao diretor?

- () A turma preparar-lhe-á uma festa de recepção.
- () A turma lhe preparará uma festa de recepção.
- () A turma preparará uma festa de recepção para ele.
- () A turma vai preparar uma festa de recepção para ele.

As questões 1 e 2 tiveram por objetivo identificar a opinião dos alunos a respeito da utilização da música na sala de aula, como também a avaliação que eles faziam das últimas aulas de língua portuguesa, as quais tiveram a música como ferramenta de ensino. O questionário foi respondido por 44 alunos. Destes, 42 alunos (95,45%) apontaram a língua portuguesa como disciplina possível para a utilização da música como ferramenta de ensino em suas aulas, em segundo lugar foi apontada a disciplina artes (33 votos), seguida de inglês (29 votos), matemática (12 votos), educação física (9 votos), história e ciências (6 votos) e, por fim, geografia (4 votos). De todos esses números, chama atenção a baixa indicação da disciplina história (6), uma vez que a música "*Cálice*", trabalhada em um dos módulos da sequência didática, relacionou o conteúdo de língua portuguesa em questão com fatos da história do

Brasil.

A respeito da questão 2, apenas 1 aluno disse não ter a música o ajudado a compreender o conteúdo das últimas aulas, ao passo que 40 alunos (90,90%) disseram ter a música contribuído para a sua aprendizagem e 3 assinalaram a opção “não sei”.

Já as questões de 3 a 7 foram elaboradas a fim de diagnosticar o comportamento dos alunos no que se refere à colocação dos pronomes oblíquos átonos tanto em contextos formais quanto em contextos informais. Embora os alunos tenham sido incentivados a assinalar a opção que fariam se nas situações descritas pelo questionário, alguns poucos alunos optaram pela recomendação da tradição gramatical em contextos informais, contudo, tais escolhas não interferiram significativamente nos resultados.

Na avaliação, as respostas para as questões foram classificadas como mais ou menos adequadas conforme a situação de comunicação descrita. Dessa forma, a questão 3 recebeu 68,18% de respostas mais adequadas (a próclise), a questão 4 recebeu 65,90% (considerando a ênclise e a anulação do clítico como adequadas), a questão 5 obteve 38,63% (a ênclise), a questão 6 obteve 86,36% (a próclise), e a questão 7 alcançou 74,42% (a substituição do clítico pelo sintagma pronominal “para ele” nas duas últimas opções de respostas). De forma geral, os alunos apresentaram 66,27% de respostas mais adequadas.

Considerando as ordenações dos clíticos de forma geral, para a próclise havia um percentual desejável de 40% e ela obteve 49,83% das colocações; para a ênclise havia um percentual desejável de 40% e ela obteve 21,11%; para a mesóclise o percentual desejável era de 0% e ela alcançou 1,33% das colocações; e para a anulação e a substituição do clítico havia um percentual desejável de 20% e o alcance foi de 27,36%. O percentual de 0,37% é referente à anulação de uma das questões, realizado por um aluno.

Analisando o uso de próclise e ênclise em contextos favorecedores, a primeira colocação obteve um percentual de 77,27% de ocorrências, enquanto a segunda atingiu 30,68% de ocorrências. Se comparados esses percentuais com os obtidos na atividade diagnóstica, observa-se um aumento no uso da próclise (de 65,12% para 77,27%) e uma significativa queda no uso da ênclise (de 52,22% para 30,68%). O aumento do percentual de próclise confirma a tendência do português brasileiro por essa colocação pronominal. Já a redução do percentual de ênclise é explicada

pelo fato de na questão 4 haver outra resposta adequada, a anulação do clítico (outra tendência contemporânea) e, tanto na questão 4 quanto na 5, o uso de próclise não configurar caso de estigma no português brasileiro atual.

6. Considerações finais

Tendo em vista as teorias a respeito das contribuições da música para o desenvolvimento global do homem, as recomendações do *Parâmetros Curriculares Nacionais* para o ensino da língua portuguesa e a complexidade do tema colocação pronominal, este trabalho propôs uma sequência didática para o tratamento da colocação dos pronomes oblíquos átonos, ancorada no gênero textual música.

A partir dessa sequência didática atestou-se a preferência do português brasileiro pela próclise (cf. VIEIRA, 2014) e a tendência dos textos contemporâneos em anular o clítico ou utilizar alguma estratégia não estigmatizada para substituí-lo na frase, como o sintagma pronominal anafórico para o dativo, por exemplo (cf. FREIRE, 2012).

A respeito da hipótese de que a música favorece os processos de ensino-aprendizagem, os próprios alunos reconheceram ter a música contribuído para a sua aprendizagem do conteúdo colocação pronominal. No entanto, utilizada em diferentes momentos, a música contribuiu, principalmente, para despertar o interesse do aluno para o tema a ser trabalhado na aula.

Por fim, desejamos que esta pesquisa contribua não somente para a reflexão dos profissionais de Letras, mas também abra caminhos para que profissionais de outras áreas do conhecimento desenvolvam pesquisas a respeito da utilização da música em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Saberes gramaticais na escola. In.: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. (Orgs.). 2. ed. 3ª reimpr. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 31-54.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portu-*

guesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. *Lei nº 11.769*, de 18 de agosto de 2008. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/93321/lei-11769-08>>. Acesso em: 10-12-2014.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

COSTA, Nelson Barros da. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FRANCHI, Carlos. *Mas o que é mesmo “gramática”?* São Paulo: Parábola, 2006.

FREIRE, Gilson Costa. Clíticos acusativo e dativo no ensino de língua padrão. In: PALOMANES, Roza; BRAVIN, Ângela Marina. (Orgs.). *Práticas de ensino do português*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 91-109.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de psicopedagogia musical*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. (Orgs.). *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

NEVES, Maria Helena de Moura. Os pronomes. In: ILARI, Rodolfo. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe fechada*, vol. IV. São Paulo: Contexto, 2015, p. 13-102.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Colocação pronominal. In: ____; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed., 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2014, p. 121-146.